

**JORNALISMO E AFETOS
NA EXPERIÊNCIA
TRANSMÍDIA DO
MOVIMENTO AMBIENTAL**

Journalism and affections in the
multimedia experience of
environmental movement

Periodismo y afectos en la
experiencia transmedia del
movimiento ambiental

Katarini Giroldo Miguel¹
Mylena Fraiha Machado^{2, 3}

RESUMO

Nosso trabalho parte da hipótese de que o movimento ambiental, ao assumir as mudanças tecnológicas da contemporaneidade, tem se apropriado das Tecnologias da Informação e Comunicação e dos novos formatos e gêneros narrativos que elas possibilitam. Com isso, produzem um tipo de jornalismo ambiental engajado, e que comporta os problemas socioambientais com mais profundidade e empatia, em um contexto de experiências tecnológicas como as narrativas transmidiáticas, as *longforms*, a realidade virtual, a *gamificação*. Levantamos aqui as produções multimídias desenvolvidas pelas organizações ambientalistas Instituto Socioambiental, WWF e Greenpeace, no período de julho de 2017 a julho de 2018, e constatamos investimento em recursos imersivos tanto na técnica como no discurso, que colocamos em discussão.

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração (USC). Mestre em Comunicação pela Unesp/Bauru e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com período de doutorado sanduíche na Universidade Complutense de Madri. E-mail: katarini.miguel@ufms.br.

² Graduanda em Jornalismo - bacharelado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC - UFMS).. E-mail: myle.fraiha@gmail.com.

³ Endereço de contato das autoras (por correspondência): Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bairro Universitário, CEP: 79070900 - Campo Grande, MS – Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo ambiental; afetos; transmídia; movimento ambiental.

ABSTRACT

Our work is based on the hypothesis that the environmental movement, when assuming the technological changes of contemporaneity, has appropriated Information and Communication Technologies and the new formats and narrative genres that they enable. As a result, they produce a kind of journalism that engages, and which brings socio-environmental problems more deeply and empathically, in a context of technological experiences such as longforms, virtual reality, gamification. We raised the multimedia productions developed by the environmental organizations Instituto Socioambiental, WWF and Greenpeace, from July 2017 to July 2018, and we noticed investment in immersive resources both in the technique and in the discourse, that we put in analysis.

KEYWORDS: Environmental journalism; affections; multimedia; environmental movement.

RESUMEN

Nuestra investigación parte de la hipótesis de que el movimiento ambiental, al asumir los cambios tecnológicos de la contemporaneidad, se ha apropiado de las Tecnologías de la Información y Comunicación y de los nuevos formatos y géneros narrativos que posibilitan. Con eso, producen un tipo de periodismo ambiental comprometido, y que comporta los problemas socioambientales con más profundidad y empatía, en un contexto de experiencias tecnológicas como las narrativas transmediáticas, la realidad virtual, la gamificación. En el período de julio de 2017 a julio de 2018, levantamos las producciones multimedia desarrolladas por las organizaciones ambientalistas Instituto Socioambiental, WWF y Greenpeace, y constatamos la inversión en recursos inmersivos tanto en la técnica y en el discurso, que ponemos en discusión.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 4, Julho-Setembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

PALABRAS CLAVE: Periodismo ambiental; afectos; transmedia; movimiento ambiental.

Recebido em: 12.02.2019. Aceito em: 15.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Conjuntura e percurso metodológico

As organizações do movimento ambiental, que atuam diretamente com a divulgação das causas e com a prática de um jornalismo ambiental engajado e militante, são pioneiras na apropriação tecnológica e utilização dos espaços da internet para difusão das problemáticas (MIGUEL, 2014). Nas nossas análises exploratórias que compõem a pesquisa de Iniciação Científica “Narrativas ambientalistas em plataformas transmídia” notamos que organizações como Instituto Socioambiental (ISA) e Greenpeace Brasil, estavam extrapolando os convencionais sites e blogs e criando plataformas transmídias, que se desenvolvem em diversos espaços midiáticos ou não (com texto, vídeo, áudio, imagens, campanhas, objetos), com linguagens específicas, formando um conjunto informativo que ultrapassa a multimídia, além de ousarem com a realidade virtual e a *gamificação*. Concomitante ao instrumental, privilegiam um jornalismo mais aprofundado, colocando-se no centro dos acontecimentos e revelando o Outro, em um processo empático, que se liberta das amarras do denunciamento e do pragmatismo das técnicas jornalísticas mais convencionais, propicia a construção de experiências mais sensíveis e de narrativas de afetividade (MEDINA, 2008). As normativas jornalísticas de imparcialidade, veracidade e objetividade se alargam e a estrutura informativa, alicerçada na lógica das mídias sociais digitais, defende uma causa, um projeto de empoderamento, participação e de visibilidade de problemáticas socioambientais. Assim, construímos a hipótese de que estão investindo em uma prática de jornalismo ambiental, se apropriando dos diferentes formatos multimidiáticos e das possibilidades da internet para abordar os temas de interesse de forma mais imersiva: na técnica e na linguagem.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

Partimos então, para investigar a comunicação produzida pelas organizações ambientalistas no ambiente em rede, na tentativa de entender de que maneira a apropriação tecnológica está interferindo na divulgação das causas e na produção jornalística realizada. Percorremos uma triangulação de métodos, com a intenção primeira de pesquisa exploratória, para proporcionar familiaridade com o problema, reconhecer as diversas faces do fenômeno e revelar tendências. “Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2010, p.41). Nesse escopo, envolvemos os métodos de revisão bibliográfica e análise de exemplos, a partir de uma proposta descritiva e dialogada com o referencial teórico.

Nosso *corpus* abrangeu organizações de maior notoriedade nacional e repercussão midiática, que possuem espaços próprios de divulgação, como os portais institucionais, contam com equipes específicas de comunicação; apresentam diferentes perfis e abrangência, importantes para reconhecermos e compararmos o cenário e os investimentos comunicacionais de forma mais ampla. Foram criadas na esteira da década de 1960, na emergência das lutas contra disciplinares e das grandes conferências ambientais envolvendo governos e sociedade civil⁴. O WWF surge em 1961 na Suíça e se instala no

⁴ A primeira discussão intergovernamental ocorreu em 1968 e ficou conhecida como Conferência da Biosfera de Paris. A década de 1970 foi marcada pela realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo. Dez anos depois foi realizada a Rio 92, no Brasil, na sequência, a Rio +10, em Johannesburgo. E 20 anos depois do auge ambientalista, sem a mesma notoriedade, o evento retornou ao Brasil com a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (MIGUEL, FLORES, MAZZARINO, 2015).

Brasil em 1996. Já o Greenpeace, com sede no Canadá, é fundado em 1971 e chega ao Brasil em 1992, no calor da Rio 92, a Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nessa mesma época, surge o Instituto Socioambiental, de atuação nacional, fundado oficialmente em 1994, em São Paulo. São duas organizações de âmbito internacionais e uma nacional que integram o nosso *corpus* e evidenciam novas práticas jornalísticas que discutimos ao longo da nossa pesquisa.

Portanto, em um primeiro momento, elaboramos uma revisão teórica para conceituar a proposta do jornalismo ambiental e narrativa dos afetos, indicando seus pontos de contato, além de contextualizar as ofertas tecnológicas para o jornalismo, elencando os diferentes formatos possíveis como transmídias, *longform*, realidade virtual, webdocumentário, geolocalização e *gamificação* (SICART, 2008; RENÓ, FLORES, 2012; LONGHI, 2014; RENÓ, 2015). Esse estudo permitiu elaborar o levantamento das produções midiáticas socioambientais, considerando os formatos multimidiáticos possíveis e, por fim, enquadrar as produções das organizações. Considerando que seguimos uma metodologia mais fluida, a classificação serviu como base para uma sistematização quantitativa, mas não tem a pretensão de instituir categorizações tão rígidas. Em um segundo momento, descrevemos e contextualizamos as plataformas.

Nossa coleta de dados se concentrou durante os meses de junho de 2017 e julho de 2018, um ano, portanto. Observamos nos portais institucionais as divulgações realizadas e selecionamos aquelas que criaram espaços próprios de divulgação (plataformas específicas) e apresentavam elementos multimídias. Com isso, levantamos 13 plataformas, sendo duas produzidas pelo Greenpeace, duas do WWF Brasil e nove do Instituto Socioambiental.

No próximo item, iniciamos a discussão conceitual a partir do cruzamento entre jornalismo ambiental e dos afetos.

Jornalismo: ambiental e dos afetos

Pensar o conceito de meio ambiente é um exercício que perpassa pelos estágios de confusão, imprecisão e simplificação. Segundo Trigueiro (2003), a palavra por si só é redundante, uma vez que reúne dois vocábulos latinos que remetem ao espaço que envolve os indivíduos. Contudo, reduzir o termo em uma totalidade muito ampla também não define com clareza o que é o meio ambiente. Como um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais em constante interação, tal como coloca Trigueiro (2003), encontramos uma compreensão holística que está distante do conceito utilizado pelo senso comum e pela própria cobertura midiática. A exuberância da fauna e da flora, animais selvagens e santuários ecológicos, são imagens que povoam o imaginário coletivo quando se evoca o termo meio ambiente, ou quando se menciona o movimento ambiental. É justamente nesse contexto que utilizamos o termo socioambiental, ainda que pareça redundante nesta conceituação, torna-se prudente para evidenciar o entroncamento entre homem e natureza.

O fato é que a visão reducionista comprime a amplitude da questão ambiental e empobrece as discussões que englobam o âmbito social, econômico, político e cultural. Tratar da questão ambiental exige uma visão sistêmica acerca das problemáticas, que envolva desde a preservação da fauna e da flora, até as questões sociais ligadas diretamente o fator humano, como a problemática da produção desenfreada de lixo, as condições de habitação e saneamento, de produção alimentar e, inclusive, a valorização das comunidades tradicionais e de seus conhecimentos nativos.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

Diante desses fatores complexos que compõem a realidade, o jornalista se depara com desafio de interpretar e traduzir os fenômenos em informação. Bueno (2007, p. 35) classifica o jornalismo ambiental como “o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”. O autor aponta a necessidade da construção de um ethos próprio do Jornalismo Ambiental, que não deve limitar-se somente à função informativa, mas também propor uma produção jornalística engajada, que atue como ferramenta de militância e colabore como função formativa dos cidadãos. Inserido no amplo jogo de interesses, o jornalista precisa estar ciente das questões políticas, econômicas e sociais que abrangem a discussão ambiental.

O Jornalismo Ambiental é, antes de tudo, jornalismo (que é o substantivo, o núcleo da expressão) e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios (BUENO, 2007, p. 36).

Para pensar numa prática jornalística aprofundada e multidimensional, além de desenvolver a compreensão holística em relação ao meio ambiente, é necessário certo engajamento sócio-político do jornalista, visto que em meio aos tensionamentos das instituições governamentais, privadas e científicas, não existe espaço para isenção ou omissão política. O jornalista que amputa sua sensibilidade para a militância ambiental, com o receio da parcialidade jornalística, corre o risco de limitar sua cobertura e torná-la distante da prática cotidiana. Como argumenta Medina (2008, p.109), para criar uma narrativa complexa “é preciso contato e o movimento: o corpo por inteiro abre a

sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora”.

Esse distanciamento também é propício para o surgimento de práticas reprováveis nas coberturas jornalísticas. Bueno (2007, p.37-38) pontua os principais equívocos cometidos pelos jornalistas que cobrem temas ambientais e os classifica como “síndromes do jornalismo ambiental”. A primeira delas é chamada de “síndrome do zoom ou do olhar vesgo”, que diz respeito aos enquadramentos noticiosos que retiram a perspectiva inter e multidisciplinar das reportagens ambientais, devido à natureza fragmentada da produção jornalística. A “síndrome do muro alto” - refere-se à desvinculação do aspecto técnico dos demais aspectos (econômico, político e sociocultural), com maior valorização do discurso técnico; já a “síndrome da baleia encalhada” trata da espetacularização das tragédias ambientais e isolamento dos casos do seu contexto e dos seus reais fomentadores. Outra síndrome elencada pelo autor é a “*lattelização* das fontes”, ou seja, a supervalorização de fontes que possuem um currículo acadêmico e conhecimento legitimado pelo meio científico, mas que, por vezes, estão movidas por interesses corporativos e pessoais.

O campo jornalístico em sua totalidade não está imune a esses erros. Historicamente, o jornalismo herdou características positivistas, que refletem nessa constante busca por uma suposta objetividade e uma verdade absoluta, mas acabam por reduzir a complexidade da realidade a um único ângulo.

Das ordens imediatas nas editorias dos meios de comunicação social às disciplinas acadêmicas do Jornalismo, reproduzem-se em práticas profissionais os dogmas propostos por Auguste Comte: a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem. Se visitarmos os manuais de imprensa, livros didáticos da ortodoxia comunicacional, lá estarão fixados os cânones dessa filosofia,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

posteriormente reafirmados pela sociologia funcionalista (MEDINA, 2008, p. 25).

Também é nítido o desprezo pela inter e transdisciplinaridade, visto que a tendência das práxis jornalísticas é a fragmentação do conhecimento. Devido ao fenômeno de industrialização e a conseqüente divisão técnica do trabalho, o jornalismo começou a ser dividido em editorias específicas, como jornalismo econômico, jornalismo político, jornalismo científico e jornalismo cultural. Para Medina (2006), essa fragmentação gerou uma disputa de hierarquia, que se modifica de acordo com a hegemonia da época. Ademais, a autora vê essa fragmentação como um obstáculo para a prática de um jornalismo multidimensional apto para relacionar as multicausalidades dos fatos sociais e se distanciar de definições reducionistas e maniqueístas.

Distante da ambição de decretar verdades absolutas, a proposta dialógica de Cremilda Medina (2008) procura construir uma narrativa jornalística que consiga desvelar as várias facetas e nuances dos fenômenos sociais. Diante da complexidade dos problemas ambientais, a sensibilidade e a densidade das narrativas dos afetos se mostram como a forma mais hábil de retratar tais questões, além de ser a mais eficiente de promover a conscientização da sociedade. As narrativas afetivas também buscam evidenciar personagens do cotidiano que são silenciadas no jornalismo convencional pelo monopólio da fala dos especialistas e de pessoas proeminentes. Esse pensamento converge com o ideal de jornalismo ambiental proposto por Bueno (2007), que pretende estabelecer uma aproximação entre o diálogo acadêmico e o saber tradicional.

Como o saber ambiental, o Jornalismo Ambiental não é propriedade dos que detêm o monopólio da fala, mas deve estar, umbilicalmente,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

sintonizado com o pluralismo e a diversidade. O Jornalismo Ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés. As fontes no jornalismo ambiental devem ser todos nós e sua missão será sempre compatibilizar visões, experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação sadia e duradoura entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente (BUENO, 2007, p.36).

A constituição desse elo dialógico entre os discursos e a promoção da evidência do outro, são preceitos comuns ao jornalismo ambiental e às narrativas complexas. Ambas procuram extrapolar os limites dessa objetividade positivista. Cabe ao jornalismo o dever de propiciar aos leitores essa partilha discursiva, e mostrar que a discussão sobre o meio ambiente não integra as contradições da vida cotidiana, e exige uma conduta social diária e consciente. Em uma dimensão mais ampla, o jornalismo ambiental também deve fomentar a interlocução entre as diversas áreas (política, econômica, social, científico) e seus agentes sociais, para desta forma gerar discursos consistentes que resultem em hábitos conscientes. E quanto ao jornalismo ambiental, desenvolvido de forma especializada pelas ONGs socioambientais?

O movimento ambiental percorreu diferentes trajetórias até chegar ao nível de influência e importância que passou a ocupar na pauta de discussão pública. Após a catástrofe deixada pelas Grandes Guerras Mundiais no século XX, aflora-se uma conscientização acerca da capacidade autodestrutiva do ser humano, o que inclui o potencial de aniquilar o próprio ecossistema. Ademais, as consequências da industrialização suscitaram o debate sobre a paradoxal relação entre progresso e o bem-estar comum. A ideia de suportar os “males necessários” pela busca do progresso tecnológico e urbano entra em conflito com essa nova consciência de preservação ambiental (BEHRENDTS, 2011). Essa

inconformidade se materializa na atuação das organizações ambientais⁵, que integram o amplo e difuso movimento ambiental, fomentam as preocupações sociais e midiáticas e passam a investir em diferentes conteúdos jornalísticos. Mais recentemente, se apropriaram das TICs e criaram estruturas comunicativas interativas e imersivas para divulgar as notícias e problemáticas socioambientais. Na sequência, iremos contextualizar essas apostas.

Possibilidades tecnológicas na experiência do jornalismo ambiental

Antes mesmo de se pensar em Internet, smartphones, notebooks e nos tantos gadgets existentes, na década de 1960, Marshall McLuhan já discutia em sua obra *Understanding Media: The Extensions of Man* (2007) a mudança que as novas tecnologias midiáticas estabeleciam na vida cotidiana, pressuposto que pode ser resumido em sua conhecida expressão “o meio é a mensagem”. As transformações que as tecnologias de informação e comunicação instauram na sociedade vão além da evolução tecnológica, visto que essas mudanças também alteram a subjetividade dos indivíduos, suas percepções, comportamentos e relações sociais. O jornalismo, fruto dessa evolução tecnológica inaugurada no século XV com a prensa gutemberguiana, não passa ileso a essas transformações. As mudanças oriundas dos novos suportes midiáticos são visíveis nas rotinas de produção jornalística, principalmente nas técnicas e estéticas aplicadas ao fazer jornalístico.

Para Lima Júnior (2009, p.204) “as tecnologias de comunicação digital representam uma quebra de paradigma no campo da produção e distribuição

⁵ Consideramos aqui com apoio de Miguel (2014) que os movimentos sociais, principalmente a partir da década de 1990, passaram a se institucionalizar, mudar o perfil de atuação e formar organizações da sociedades civil, como as ONGs e, mais recentemente, as OSCIPs (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Portanto, colocamos as organizações aqui investigadas como parte de um movimento ambiental, logo social, mais amplo.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

de conteúdo informativo e de entretenimento, impactando a sociedade de diversas formas e intensidade”. O impacto é evidente na história da midialogia e provoca mudanças radicais na sociedade e no cotidiano dos indivíduos. Exemplo disso é quebra da barreira espaço-temporal na transmissão de informação, por meio da invenção do telégrafo elétrico e de códigos com sinais longos e curtos, modificou e acelerou a dinâmica da produção jornalística.

Essas alterações na concepção de espaço e tempo são potencializadas com as TICS, em especial na internet, visto que agora é possível transitar e se confundir no espaço imaterial, o denominado ciberespaço, que proporciona a interlocução de inúmeros usuários e alicerça a cibercultura, traduzida aqui como a cultura da contemporaneidade (MIGUEL, 2014). Ademais, é possível notar a construção de um conhecimento comum, por meio das experiências de compartilhamento que fomentam um novo fenômeno, chamado por Pierre Levy (2007) de “inteligência coletiva”, ou seja, “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (LEVY, 2007, p. 30). A junção dessa perspectiva de temporalidade e espacialidade, a interligação entre os indivíduos e a distribuição e descentralização do conhecimento, são elementos que compõem a complexidade da cibercultura.

Nesta dinâmica mais fluida, o processo comunicacional não coloca o receptor como uma parte meramente passiva, mas age de forma participativa, com o objetivo de “envolver e atrair o receptor para a interpretação participativa da mensagem” (RENÓ, FLORES, 2012, p.16, tradução nossa).

Além de modificar as formas de socialização, as TICs expandem as possibilidades narrativas. As inovações têm se tornado cada vez mais comum, seja em entretenimento ou informação. Aqui entra a perspectiva do jornalismo

de imersão como conceito unificador das diferentes tendências tecnológicas para narrar os fatos com mais envolvimento e determinada experiência *in loco*. Longhi (2017, p.2) avalia como uma “tendência, que inclui imagens estáticas e em movimento 360 graus, terceira dimensão e realidade aumentada, entre outros recursos”. Apesar da conceituação focada no aspecto tecnológico das narrativas, a imersão também é propiciada pela própria estrutura discursiva. “Antes que chegassem todas as tecnologias atuais, tínhamos exemplos de textos em que você consegue arrastar o leitor para dentro de uma história. Para mim, isso é imersivo de verdade” (SALAVERRÍA, 2016 apud LONGHI, 2017, p.10).

Retomando os formatos imersivos, Longhi (2014) classifica como o “*turning point*” do jornalismo digital, período caracterizado pelas diversas experimentações técnicas, como os especiais multimídias, no período de 2000 a 2011, até chegar ao estado da arte da grande reportagem multimídia, iniciado a partir de 2012. Agora é possível experimentar a multimidialidade na produção jornalística, com o uso de diferentes artifícios midiáticos como: vídeos, imagens, áudio e hipertexto. Além da proposta transmídia, que transcende um único espaço comunicativo e se configura como:

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor - a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. (JENKINS, 2009, p. 138).

As concepções de multimidialidade e transmidialidade transcendem as classificações rígidas, visto que são características imanentes do ciberespaço. Ademais, essas características se manifestam no plano estético-expressivo das narrativas e em suas estruturas narrativas. No caso da transmidialidade, a

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

definição exata ainda não é possível, visto que existem inúmeros debates acerca dos critérios que classificam as narrativas como transmidiáticas ou não. Em contraponto ao proposto por Jenkins (2009), Renó e Flores (2012) defendem a hipótese de que o jornalismo transmídia pode ser identificado pelo uso de vários elementos que se complementam, ou seja, “uma forma de linguagem jornalística que contempla, ao mesmo tempo, distintas mídias, com várias linguagens e narrativas a partir de inúmeras mídias, para uma infinidade de usuários” (RENÓ E FLORES, 2012, p. 82, tradução nossa). Com o intuito de enriquecer a discussão conceitual, buscamos dialogar com essas duas definições teóricas. Além da narrativa transmídia e multimídia, que alicerçam diferentes formatos midiáticos e a criação de micronarrativas, identificamos no nosso levantamento outras possibilidades nas produções socioambientais que buscamos enunciar:

1) Webdocumentário / Websérie. A primeira vez que o termo foi utilizado aconteceu durante o “Les Cinémas de Demain”, que ocorreu paralelamente ao “Festival du Cinéma du Réel”, no Centro Pompidou, em Paris (França), em março de 2002 (RENÓ, 2015). Os idealizadores do evento definiram como “um documentário que trabalha com ferramentas multimídia, textos, imagens, vídeos, uma maneira de colocar as novas tecnologias a serviço do conhecimento e de um ponto de vista”. Essa definição é consonante com o conceito de documentário transmídia dado por Renó (2015, p. 193), ao entender que “resgata essa essência original do registro documental, proporcionando ao usuário uma navegação (analógica ou digital) por múltiplos espaços e linguagens comunicacionais que ampliam o processo cognitivo”. Já a websérie pode ser conceituada como “todos aqueles seriados de ficção audiovisuais criados para serem emitidos na Internet, com uma unidade

argumentativa, uma continuidade (ao menos da temática e mais de três capítulos)” (HERNÁNDEZ, 2011, p.92, tradução nossa). Aqui avaliamos que não é necessária que a websérie seja construída sempre com conteúdo ficcional, visto que encontramos em nossas análises conteúdos que apresentam histórias documentais.

2) Realidade Virtual (VR) e Realidade Aumentada. De acordo com Kirner e Siscouto (2007, p.4), “a realidade virtual surge então como uma nova geração de interface, na medida em que, usando representações tridimensionais mais próximas da realidade do usuário, permite romper a barreira da tela, além de possibilitar interações mais naturais”. Essa potencialidade narrativa tem sido explorada por alguns veículos jornalísticos tradicionais, com destaque para os vídeos 360° produzido pelo The New York Times.

3) *Newsgame* ou *gamificação*. Procura explorar a interatividade e a sensorialidade do usuário. Segundo Sicart (2008), é um videogame criado para oferecer, a partir de uma realidade, informações e envolvimento por meio do entretenimento, para dessa forma fomentar a discussão sobre alguma temática. Por meio do lúdico, do divertido e da exploração do real, é construída uma ponte dialógica entre os participantes do processo comunicativo.

4) *Longform*. O gênero foi marcado pelo surgimento do HTML 5 e consagrado no exemplo *Snow Fall*, produzida pelo The New York Times, em dezembro de 2012. Longhi (2014) coloca algumas características que definem esse tipo de narrativa, por exemplo, a leitura vertical; a densidade da apuração jornalística; a extensa produção textual, caracterizada por matérias com mais de quatro mil palavras e grandes reportagens entre 10 e 20 mil palavras; sua capacidade de divisão em capítulos ou temáticas; a não-obrigação de manter uma linearidade na narrativa ao possibilitar a navegação do leitor na

plataforma; e o investimento nos conteúdos de imersão, por meio de imagens, vídeos, sons, infográficos e outros recursos multimidiáticos. A narrativa *longform* é um exemplo de experimentação no jornalismo convencional, e coloca em xeque a estrutura fragmentada e enxuta das notícias no meio digital, ao propor um tratamento complexo e de aprofundamento das pautas. Mostra-se como herdeira da grande reportagem impressa, uma vez que conserva as características de pesquisa e apuração exaustiva, a busca pela pluralidade de fontes e a contextualização temática, além de despender uma preocupação com a qualidade estética nos quesitos visuais e textuais da reportagem.

Isso posto, adentraremos na nossa análise de exemplos para entender empiricamente os formatos colocados e problematizar o jornalismo e as narrativas socioambientais relacionadas durante nossa investigação.

Achados encontrados e contextualizados

Ao longo de um ano de observação e pesquisa exploratória (entre junho de 2017 e julho de 2018) levantamos 13 diferentes plataformas multimídias, produzidas pelas três organizações socioambientais selecionadas: Instituto Socioambiental (ISA), WWF e Greenpeace Brasil.

Uma das primeiras que elencamos, do ISA, a campanha “#MenosPreconceitoMaisÍndio”⁶ procura combater o preconceito contra os povos indígenas, por meio uma plataforma multimidiática, que reúne textos, recursos audiovisuais, divulgações em diferentes plataformas como o próprio site, blog, Facebook, além dos hiperlinks com informações adicionais que criam uma leitura não linear vertical que leva para mais informações sobre as etnias indígenas em outras mídias. O vídeo principal, de pouco mais de um minuto, é

⁶ Disponível em: campanhas.socioambiental.org/maisindio. Acesso em: 03abr 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

narrado em língua nativa pelos índios da etnia Baniwa, que vivem no Alto do Rio Negro (AM), coloca o indígena como sujeito, em primeiro plano, e como ator, rompendo com a lógica dominante e com a invisibilidade dos povos, numa narrativa irônica próxima do ficcional, que problematiza o preconceito e questiona o que é ser indígena hoje? (MIGUEL, 2017).

Outro exemplo é a plataforma “O Ribeira Vale!”⁷, também do ISA, que busca revelar o cotidiano e os impasses da comunidade quilombola que vive no Vale do Ribeira, região localizada no estado de São Paulo. São usados diferentes formatos, linguagens e intenções para compor uma narrativa de caracterização transmídia e *longform*. São textos, infográficos (que contextualizam 14 diferentes temáticas como ‘florestas’, ‘diversidade agrícola’, ‘turismo’, ‘culinária’, ‘danças’), hiperlinks e a websérie “Ribeira Essencial”, em quatro episódios, sobre o local e suas tradições, colocando o protagonismo na comunidade que conta sua história. Também extrapola o contexto informativo, e entra na seara da militância propriamente, ao disponibilizar para o internauta uma petição pública para exigir das autoridades competentes o reconhecimento das terras quilombolas não homologadas.

No mesmo contexto da webséries que trata de forma audiovisual seriada e integrada com outras mídias, também analisamos a produção de “Sol de Norte a Sul”⁸ do Greenpeace que, além de multimidiática, se autodenomina como um webdocumentário, que narra os benefícios sociais, econômicos e ambientais da energia solar, por meio de depoimentos de personagens, fontes especialistas e oficiais. Ademais, o formato permite uma visualização não linear da narrativa, visto que os vídeos, apesar de estarem interligados, podem ser vistos em uma ordem não-cronológica (MIGUEL, FRAIHA, 2017).

⁷ Disponível em: www.ribeiravale.org.br. Acesso em: 03 set. 2017.

⁸ Disponível em: www.soldenorteesul.org.br. Acesso em: 03abr 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

A proposta experimental “Fogo na Floresta”⁹, do Instituto Socioambiental, trouxe uma narrativa focalizada no audiovisual com cenas 360° que buscam demonstrar o cotidiano da comunidade indígena localizada no Parque Indígena do Xingu. É possível, a partir de um aplicativo e os óculos apropriados, acessar a aldeia e percorrê-la em uma experiência imersiva, que amplia a sensação de presentificação, para conhecer as condições do local e as ameaças da devastação ambiental.

A campanha “Chega de Madeira Ilegal”¹⁰, do Greenpeace, convida, em sua página inicial, a participar de uma investigação coletiva sobre a extração ilegal de madeira na Floresta Amazônica, como forma de estimular o controle coletivo. Por meio de uma plataforma que explora os recursos de geolocalização, o usuário pode investigar, da própria casa, possíveis fraudes e indícios de extração ilegal de madeira, e depois alertar os órgãos competentes e exigir a conservação das florestas do país, com isso vai pontuando e avançando na disputa, e aprendendo sobre as condições ambientais com as informações disponíveis na plataforma.

A WWF que nas nossas análises é a que menos explora os recursos tecnológicos, disponibilizou em seu portal um aplicativo, o “Safari Central”¹¹, desenvolvido pela *startup* queniana *Internet of Elephants*, em parceria com o Instituto Pró-Carnívoros e organizações ambientalistas de outros países. A tecnologia de realidade aumentada é explorada no aplicativo investe na *gamificação*. Com a intenção de ser o “Pokémon Go da natureza”, dá a oportunidade aos jogadores de detectar as versões virtuais dos animais e estimular a busca por informações sobre o comportamento das espécies, para

⁹ Disponível em: www.socioambiental.org/pt-br/apps/fire-in-the-forest. Acesso em: 03 abr. 2018.

¹⁰ Disponível em: www.chegademadeirailegal.org.br. Acesso em: 27 abr.2018

¹¹ Disponível em: www.safaricentralgame.com. Acesso em: 27 abr.2018.

criar vantagens táticas no jogo online. É notada uma customização de acordo com a localização do usuário, visto que a diversidade dos animais altera, conforme o bioma do local de acesso.

Outra experimentação da WWF é a plataforma Rios da Amazônia¹². Na página inicial o usuário se depara com cinco blocos diferentes que trazem links para redirecionar a leitura, sendo “Conheça o nosso trabalho”; “Navegue pelos mapas”; “Analise uma região”; “Acesse nosso conteúdo”; “Fique por dentro”. Disponibiliza mapas com camadas de dados georeferenciados de ameaças e oportunidades para a Amazônia, que podem ser complementadas pelo próprio usuário, de forma colaborativa. Além disso, a seção “Acervo” encaminha para mais cinco espaços de informação, que demonstram a intenção transmídia: vão desde publicações e artigos científicos, vídeos, mapas interativos, até papéis de parede disponibilizados pela WWF.

A narrativa “Panará: a volta por cima dos índios gigantes”¹³, publicada em outubro de 2017 pelo ISA, retrata o retorno, iniciado 20 anos atrás, dos índios Panará ao seu território de origem: as margens do Rio Iriri, fronteira do Mato Grosso com o Pará, e segue a tendência das *longforms*. Ou seja, é uma grande reportagem multimídia, com densidade textual, com modo de leitura verticalizado e dividida em capítulos que exploram o modo vida e a história como “Roças, culinária, artesanato”; “As festas e a música”; “A reocupação e o retorno”; “A vitória na justiça contra a união”. Apresenta vários recursos narrativos como texto, vídeo, imagens, infográficos (linha do tempo) e ilustrações. A possibilidade de acessar o livro “Panará, a volta dos índios gigantes, assistir ao mini documentário, ao fotoclípe e compartilhar o conteúdo

¹² Disponível em: <http://amazonriversplatform.org/pb/>. Acesso em: 20 de jul. 2018.

¹³ Disponível em: <https://panara.socioambiental.org/>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

nas redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp), evidenciam a natureza transmídia da narrativa.

Outra experimentação do Instituto Socioambiental é a plataforma sobre comunidades no Alto do Rio Negro, que se estrutura por meio do *Google Earth*, um programa que permite ao usuário o acesso a um modelo tridimensional, construído por meio de captura de imagens, do globo terrestre. A abertura da plataforma traz o título da narrativa “O Sagrado no Alto do Rio Negro”¹⁴, que tem o intuito de contar as histórias dos lugares sagrados dos Tukano, Desana, Piratapuaia, Tuyuka, Bará e Barasana, por meio da rota de origem de seus ancestrais. A estrutura está dividida a partir dos onze trechos do trajeto (tais como “Casa de Paricá”, “Foz do Rio Leite”; “Casa do Deus Preguiça”; “Casa do Trovão”...) e proporciona ao usuário usufruir dos recursos de geolocalização e mapas em 360°. Todas as onze seções utilizam textos na língua nativa, com informações sobre os locais e fragmentos da mitologia, além de trazer fotos e mostrar a variação no mapa ao longo do trajeto percorrido pelo usuário. Vale ressaltar que o capítulo “Teñari Wii — Casa da Aliança” traz em áudio o canto e a dança típica wai mahsã, que junto aos outros recursos midiáticos (fotos, textos, geolocalização), compõem o potencial multi e transmidiático.

O ISA tem investido também em reportagens especiais hospedadas na plataforma online Medium, que se constitui como espaço de compartilhamento em rede de produção textual, e oferece aos seus usuários e produtores de conteúdo a oportunidade de trabalhar com a multimídia, por meio de imagens, vídeos e áudio. Dentre as analisadas, nos deparamos com quatro reportagens que atendem a proposta multimídia e descrevemos brevemente

¹⁴ Disponível em: <http://bit.ly/2A6N3zP>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

aqui como diferentes possibilidades narrativas, que exploram a estrutura textual e evidenciam a imersão por meio de diferentes protagonismos.

A reportagem “Da Floresta Para a Merenda”¹⁵ narra a experiência vivida pelas merendeiras do Xingu nas oficinas e palestras sobre o uso da farinha babaçu na composição de novas receitas, ofertadas pela chef de cozinha e apresentadora Bela Gil e pela nutricionista Neide Rigo, em parceria com as associações extrativistas da Terra do Meio, as prefeituras de Altamira e Vitória do Xingu e o Instituto Socioambiental. Apresenta um texto mais descritivo e narrativo, valorizando o desenrolar dos acontecimentos, a fala e a experiência das merendeiras do Xingu, ofertando também imagens, vídeo com depoimentos e infografia.

Também hospedada no Medium, a narrativa “Como Amansar o Fogo”¹⁶, traz à tona os dramas vivenciados pelos povos indígenas que vivem no Parque Indígena do Xingu, especificamente os impactos do aumento de incêndios em seu território. Além da degradação ambiental e diminuição dos recursos naturais, também é abordado o risco desses povos perderem os conhecimentos sobre as plantas e outras práticas culturais, e de afetar diretamente suas formas de relação com a floresta. A história, fora da ordem do dia da mídia convencional, explora os recursos textuais, audiovisuais e imagéticos, e utiliza um vídeo 360°, que mostra o cotidiano da aldeia, e disponibilizar o filme “Para onde foram as andorinhas”, em que os indígenas do Xingu contam como percebem os efeitos devastadores das mudanças climáticas sobre o ambiente.

¹⁵ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental/da-floresta-para-a-merenda-6e00781fff68>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

¹⁶ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental/fogo-do-%C3%ADndio-65df77094096>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

Outra história de cunho narrativo-descritivo, “Semear o Futuro no Xingu”¹⁷, tem característica multimídia (traz texto, vídeo, imagem, hiperlinks) e transmídia ao extrapolar as fronteiras do site, a partir do minidocumentário, apresentado em episódios “Xingu, histórias dos produtos da floresta”. Relata como a Rede de Sementes do Xingu, com dez anos de existência, contribui para recuperar áreas degradadas, gerar renda e valorizar a sociobiodiversidade da bacia do Xingu. Tem o viés institucional de divulgar uma iniciativa integrada pelo ISA, mas destaca as comunidades em primeiro plano.

Por fim, outra produção do ISA é a reportagem também multimídia “A força feminina da Pimenta Baniwa”¹⁸, sobre as mulheres da terra indígena Alto Rio Negro (AM) que têm vivenciado a experiência de produção e exportação nacional e internacional da pimenta jiquitaia. Os relatos das indígenas foram explorados em texto e vídeo, além de trazer fotografias para enriquecer imagetivamente a narrativa. A reportagem também apresenta o aspecto transmídia, visto que traz um link que amplia a narrativa para o livro intitulado “Pimenta Jiquitaia Baniwa”.

Os investimentos na plataforma Medium, tem dado ao Instituto Socioambiental a oportunidade de difundir diferentes histórias que envolvem as lutas das comunidades tradicionais, e desponta como um espaço para experimentações jornalísticas mais arrojadas, por meio do uso dos inúmeros recursos técnicos e estéticos possibilitados pelo ambiente em rede, mas que não necessariamente atendem as características da *longform*. Notamos a preocupação com a construção textual, visto que os textos são mais densos e extensos, e utilizam de recursos estilísticos como a narração e descrição.

¹⁷ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental/semear-o-futuro-na-bacia-do-xingu-9db539082e84>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

¹⁸ Disponível em: <https://medium.com/@socioambiental/a-for%C3%A7a-feminina-da-pimenta-baniwa-87c75e2f0ce>. Acesso em: 25 de jul. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

Ademais, todas as reportagens buscaram narrar as histórias e problemáticas vigentes pela voz e olhar das populações locais, mas também mesclar, de forma um tanto institucional, com os relatos de cientistas e especialistas de outras áreas de conhecimento, se configurando a partir dos preceitos da pesquisa, entrevista e estrutura textual como produções jornalísticas legítimas. Vamos agora para os desfechos possíveis.

Discussões finais

Ensaíamos aqui o reconhecimento de plataformas transmídias, e suas diferentes possibilidades narrativas, usadas pelas organizações ambientalistas na tentativa de produzir um jornalismo ambiental mais atento às demandas sociais, que focaliza o Outro, que experimenta uma linguagem mais descritiva, que aproveita o potencial tecnológico para gerar imersão, empatia e até afetuosidade. Ademais, notamos a preocupação que as organizações ambientalistas têm de constituir um elo dialógico entre os vários tipos de saberes, seja o saber científico, legitimado academicamente, ou o saber tradicional de comunidades locais, que por meio da experiência cotidiana constroem um determinado tipo de conhecimento.

As narrativas socioambientais analisadas revelaram a intenção de construir uma visão holística da realidade, visto que exploram não apenas os aspectos que abrangem os impactos na fauna e flora, mas também os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, ainda que ponderemos o fator da divulgação institucional propriamente. Essas características demonstram uma aproximação entre o jornalismo ambiental e o diálogo dos afetos, visto que as duas propostas de práxis jornalísticas buscam a construção de narrativas complexas, cientes das inúmeras facetas apresentadas pela realidade, e

propõem coberturas multifacetadas. Vale ressaltar que o protagonismo dado às comunidades locais também enriquece a informação, uma vez que o jornalismo ambiental e dialógico se sintoniza com o pluralismo e a diversidade, além de buscar a valorização de saberes tradicionais que são, na maioria das vezes, deixados de lado pelo jornalismo convencional.

As plataformas desenvolvidas pelo Instituto Socioambiental são as que exploram essa lógica de forma mais concreta, posto que em suas construções narrativas valoriza a fala das personagens que estão inseridas no cotidiano apresentado, como é o caso da comunidade quilombola Ivaporunduva, na plataforma "O Ribeira Vale!", das merendeiras dos Xingu na narrativa "Da Floresta para a Merenda", ou o caso dos índios Panarás na *longform* "Panará, a volta dos índios gigantes". Contudo, a tendência também é presente na plataforma "Sol de Norte a Sul", elaborada pelo Greenpeace, que relata histórias de pessoas beneficiadas pela energia solar. As plataformas apresentam depoimentos das próprias personagens, seja por meio de vídeos ou na construção textual, e demonstram a preocupação com a descrição, com o Outro enquanto participante e ou protagonista (mais que fonte de informação), revelando um diálogo dos afetos (MEDINA, 2008). É importante pontuar que as narrativas não negligenciam o documental e o informativo, uma vez que também valorizam e apresentam documentos oficiais, dados e pesquisas.

A característica central de praticamente todas as produções analisadas é a multi e transmidialidade, uma vez que atuam e inundam diferentes espaços midiáticos. Há a real transcendência das narrativas que não se limitam às campanhas e notícias no âmbito do ciberespaço, mas se expandem para petições públicas, manifestos, filmes, publicações físicas, campanhas na mídia convencional, *games* e até material promocional.

E, nesse sentido, identificamos também o investimento na construção de conteúdos jornalísticos mais imersivos, que envolvem o receptor em uma experiência sensível, tanto por ser sensorial como por proporcionar aprofundamento em diferentes níveis, a partir das possibilidades discursivas e tecnológicas. Com isso, as TICs proporcionam experiências sensoriais e interativas, que podem contribuir com a sensibilização do público e conscientização devido à presentificação gerada no receptor em contato com essas realidades, como é no caso do produto audiovisual “Fogo na Floresta”, do Instituto Socioambiental, que traz cenas 360°, possibilitando uma “imersão” do usuário no cotidiano da comunidade indígena localizada no Parque Indígena do Xingu. Também foram encontradas outras propostas interativas, que se aproximam de uma nova aposta no jornalismo, o *newsgame*, que disponibiliza informação de forma lúdica e interativa. Um dos casos analisados é o do aplicativo “Safari Central”, desenvolvido pelo WWF em parceria com outras organizações internacionais. O Greenpeace também explora o formato na campanha “Chega de Madeira Ilegal”, que dá a oportunidade aos usuários de integrar uma investigação coletiva sobre a extração ilegal de madeira na Floresta Amazônica, como forma de estimular o engajamento

A união entre as inovações tecnológicas e a sensibilidade narrativa tem se mostrado como uma interessante hipótese para o jornalismo, especialmente para as pautas sobre meio ambiente, que precisam de produtos midiáticos que consigam abarcar a complexidade dos problemas ambientais. Nossas pesquisas devem continuar para de fato concluirmos sobre a eficiência dessas narrativas no plano prático. Como pontua Medina (2008, p. 47): “A solda da ação comunicativa, não importa se direta ou indireta, por meio de suportes

tecnológicos, origina-se e se consoma (ou não) na ética solidária, na técnica da partilha a poética da afetividade”.

Referências

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: Editora UFPR, n.15, pp.33-44, jan/jun. 2007.

DE LA PEÑA, Nonny et all. **Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First Person Experience of News**. Disponível em: <http://migre.me/uk28n>. Acesso em: 23. jul de 2018.

GREENPEACE. Site Oficial. Disponível em: <http://www.greenpeace.org.br>. Acesso em: 05 jul.2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HERNÁNDEZ, Paula. **Las webseries: Evolucion y características de la ficción española producida pela internet**. Revista F@ro. nº 13, 2011.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Site oficial. Disponível em: <http://www.socioambiental.org>. Acesso em: 05 jul.2017

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana L. de Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KIRNER, Claudio; SISCOUTO, Robson. **Realidade Virtual e Aumentada: Conceitos, projetos e aplicações**. Livro do Pré-Simpósio; IX Symposium on Virtual and Augmented, 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Tecnologias emergentes desafiam o jornalismo a encontrar novos formatos de conteúdo. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, ano 30, n.51, pp. 201-225, jan/jun.2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/860/911>. Acesso em 10 de abr.2018.

LONGHI, Raquel. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set/dez 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>. Acesso em: 05 de mai. 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MIGUEL, Katarini. **Pensar a cibercultura ambientalista: comunicação, mobilização e as estratégias discursivas do Greenpeace Brasil**. 2014, Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.

MIGUEL, Katarini; FRAIHA, Mylena. **Jornalismo e Militância ambiental em plataformas transmídia**. In: Congresso Internacional de Ciberjornalismo. Campo Grande (MS): 8º Ciberjor, 2010.

MIGUEL, Katarini; FLORES, Vinicius, MAZZARINO, Jane. Jornalismo especializado, conferências ambientais e processos de agendamento: a Rio+20 na Folha de S.Paulo e no O Estado de S.Paulo. In: SANTOS, Marli; BUENO, Wilson. **Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2015. p.191-222.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p280>

RENÓ, Denis y FLORES, Jesús. **Periodismo transmedia**. Madrid: Fragua editorial, 2012.

RENÓ, Denis. O documentário transmídia: como produzir. **Revista Âncora**, João Pessoa, ano 2, v.2 n.2, jul./dez. 2015, pp. 191-211. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/26007/0>. Acesso em: 15 set. 2017.

SICART, Miguel. **Newsgames: Theory and Design, In Entertainment Computing** – ICEC 2008, Nov/2009.

TRIGUEIRO, André. Mídia. In: TRIGUEIRO, André (org). **Meio ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. pp.75-89.

WWF BRASIL. Site oficial. <http://www.wwf.org.br>. Acesso em: 05 jul.2017.